

O *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas* (DFMLA), que agora temos o prazer de ler, constitui-se como obra de marcante originalidade. Primeira compilação do imaginário mítico nos domínios das literaturas das três Américas, seu abrangente escopo permite vislumbrar o amplíssimo panorama de culturas em diálogo. Com o reconhecimento das singularidades culturais, situado o ponto de partida nas origens, mas também atento aos caminhos históricos diferenciados, assumida a esclarecedora perspectiva da mobilidade cultural inerente à complexa transculturação que a América experimenta, processo nunca encerrado ou fechado, o *Dicionário* integra um *corpus* textual de notável riqueza para o autoconhecimento e o diálogo entre nossas culturas e com o mundo. Diálogo que constitui uma das tarefas principais do pensamento nas Américas, em que se criam identidades na apropriação do autóctone, mas também nas trocas, transgressões, releituras, voltadas para suas tradições dinâmicas e de abertura universal.

Alicerçado na literatura escrita e oral, o *Dicionário*, através de seus 110 verbetes, repertoria a fabulação mitológica que caracteriza as nossas grandes comunidades culturais. Abrange, portanto, cosmovisões míticas e utópicas que se projetam nas letras, trabalhando diferentes expedientes genéricos: narrativa, poesia, teatro, ensaio literário e histórico, literatura ancilar, crônicas, epistolários, entre outros, com incursões no cinema, mas focalizado na sua narratividade. Abarcando o período desde a chamada “Descoberta” até as experiências coloniais e pós-coloniais, com suas controversas interpretações, o *Dicionário* compila imaginários opulentos de grande autenticidade no sistema da cultura, testemunhais e participantes no trânsito histórico, patrimônio espiritual e material, que nele se faz patente, para alcançar justa visibilidade.

Idealizado por Zilá Bernd, o DFMLA espelha forças criativas plurais de nossa América. Nele participam 77 autores, do Brasil na maioria, da França e de outros países da América Latina, também com a destacada contribuição dos autores canadenses. Pesquisadores unidos por objetivos comuns nas suas diferentes formações participam decisivamente na realização de uma obra que faz circular saberes. Nesse sentido, vale salientar a aplicação de uma metodologia geral efetiva, se bem que com as variações inerentes a cada assunto e às concretas circunstâncias da escritura dos verbetes. De tal modo os autores, desde seu *locus* enunciativo, plasmam o conhecimento reflexivo sobre um tema,

escolha nada casual, geralmente expressiva de uma consistente linha de pesquisa.

A síntese e o manejo de textos representativos resultam fundamentais na elaboração de cada verbete que inclui definições teóricas, referências historiográficas e aplicações nos textos literários ilustrativos. Com essa lógica, distintiva do trabalho científico, está organizado o *Dicionário*. Conjugam-se as definições de grande amplitude na ordem conceitual e os campos de aplicação referidos a um *corpus* literário que evidencia a visão autoral, na maioria dos verbetes, abarcadora e contrastiva. Evidentemente, o DFMLA promove alternativas de estudos comparativos que são desenvolvidas de modo sistemático na maioria dos artigos, incitando os leitores a ir além e, sobretudo, oferecendo subsídios aos estudiosos das ciências sociais e filológicas, do vasto domínio humanístico.

Destaca-se o registro literário dos mitos e utopias. Como indica Pierre Brunel, no *Dicionário de Mitos Literários*, a literatura é o verdadeiro conservatório dos mitos. Sua esclarecedora pergunta sobre o que saberíamos de Ulisses sem Homero, de Antígona sem Sófocles, de Adjuna sem o *Mahabarata*, reafirma a importância do trabalho nesta direção que faz possível o estudo dos mitos como construções arquetípicas e plurissignificativas, de irradiantes sentidos simbólicos e parabólicos em vínculo constitutivo essencial com a prática humana nos seus diversos campos de atuação.

Considerando que o mito é um modo específico e necessário de dar sentido ao mundo, cujo valor não consiste na historicidade literal, no seu “realismo” ou na conservação de uma memória ancestral, mas sim em configurar expressivamente, de modo pode-se dizer poético, os horizontes da existência humana, mito aparece, então, como categoria que articula os fatos, elevando-os a um nível genuinamente humano. No conceito de Paul Ricoeur, a função do mito é dar expressão inteligível e fundante às contradições dialéticas, unindo os contrários que toda realidade apresenta. Precisamente por isso, o mito ultrapassa os recursos retóricos e categoriais da lógica, nunca limitando ou simplificando, pois supõe uma integração complexa das vivências humanas que ganham universalidade. Para Roland Barthes o mito, na sua condição de sistema semiológico de segundo grau, figura o significado de uma forma ambígua e contraditória, cheia e vazia. Como significante de diversas formas possíveis, o mito esvazia-se, deixa atrás sua contingência de letra já estabelecida na história da cultura. Exibe suas funções, dizendo o que se quer escutar, embora seus signos não sejam arbitrários. O mito congela seus significados para projetá-los em uma semiose infinita. Seu sentido não é um pretexto de presença real. Interpela a partir de analogias, pertence à história e gera diversas leituras. Lido em sincronia, situa-se perante uma história verdadeira e irreal. Ler

literariamente um mito é entrar na vasta rede de formas ficcionais significantes, tal como acontece nos verbetes do *Dicionário*, que se debruça na ficção do mito nas ficções literárias.

Esse pensar, que sublinha as relações entre o imaginário e os contextos-práxis da atividade humana, sem reducionismos simplistas ou dogmatizantes, e o caráter complexo das ficções humanas, anima o *Dicionário*. Zila Bernd, na esclarecedora Introdução do DFMLA, cita Gerard Bouchard quando argumenta: “o mito, segundo minha perspectiva, deve ser avaliado não na relação com a verdade (a conformidade com o real), mas na relação com a eficacidae (a capacidade de superar as contradições)”. Junto a Bouchard, cujos trabalhos dão sustento teórico à obra, são reconhecidos os aportes de Rama, Canclini, Cornejo Polar, Antonio Candido, Glissant, entre outros, particularmente no que se refere à teoria cultural.

Focalizando a proposta metodológica na ordem geral do método e seus procedimentos, o DFMLA distingue-se pela interligação harmônica, equilibrada, entre generalização/particularização, abstração/concreção e análise/síntese, que permitem configurar figuras (índio, feiticeira, gaúcho platino, gaúcho sulrio-grandense, jagunço, cangaceiro, guerrilheiro, ditador, por exemplo), narrativas míticas (labirinto, nação, mãe terra, terra prometida) e utopias (raça cósmica, homem cordial). Um aspecto inovador é o estudo de numerosos lugares simbólicos como pampa, sertão, faroeste, cortiço, favela, cocanha, *frontier*, transitando os artigos, como todo o *Dicionário*, pelas principais quatro línguas das Américas e as diferentes referências culturais.

Os artigos possuem múltiplos vasos comunicantes, tanto intrinsecamente temáticos como referidos aos diversos sistemas literários e paraliterários, o que se completa com um apropriado sistema de relações, patente na indicação *Ver também*, localizada ao final de cada entrada, assim como no índice remissivo ao final do volume, que facilita a procura por palavras-chave. Aparecem verbetes referidos a paradigmas universais nas suas releituras americanas (Penélope, Medéia, vampiro, duplo, lobisomem, viajante/Jasão/Ulisses), outros, mais tipicamente de matriz americana (Novo Mundo, Nossa América, civilização/barbárie, *cimarrón*) e não poucos de conotação regional (caboclo, sertanejo, querência, faroeste, Sul). Como pode-se ver, o *Dicionário* funciona em diversos sistemas, não excludentes, senão complementares.

Sabemos que todo dicionário implica uma macro e uma microestrutura. A primeira, formada pelo *corpus* selecionado, é a organização vertical dos artigos ou entradas, por ordem alfabética. A segunda, que diz respeito à estrutura interna do artigo ou verbe, é variável, mas uma vez escolhida a seqüência dos enunciados, tem de ser cumprida e funciona no interior da obra. Deve haver, portanto, uma correlação entre a natureza da obra e a natureza do enunciado, nesse caso referido ao estudo das

figurações míticas, apresentadas em uma definição explicativa e descritiva, de eficácia pragmático-comunicativa como formação discursiva científica.

No DMFLA, relacionam-se de maneira orgânica a natureza da obra e os tipos de enunciados, patentes nas partes constantes da sua microestrutura. Sendo assim, cada verbete tem um proceder sistemático que contém: apresentação, histórico, campos de aplicação e síntese crítica. Ademais, incluem-se uma bibliografia literária, pela índole da compilação, e uma bibliografia teórico-crítica que oferece válidas indicações para aprofundar o tema em pesquisas futuras. Integram-se, neste marco metodológico e ordem expositiva, os metarrelatos mítico-literários, ponto de mira e estudo deste singular *Dicionário*.

Na sua maioria, os artigos são elaborados com criatividade, informação atualizada e saberes bem estruturados, sem pretender esgotar os temas que são, por sua natureza, muito abrangentes. Em tal sentido, o enfoque comparatista oferece resultados valiosos, embora a perspectiva de numerosos verbetes seja mais voltada para a literatura brasileira, positivamente incluída a oralidade. Cada leitor poderá – e deverá – complementar sua recepção, avançando para um conhecimento mais extenso e articulado do tema.

Um comentário, ainda que sucinto, merece o critério seletivo. O DFMLA agrupa-se em quinze *constelações*, bacias semânticas no conceito de Gilbert Durand, pertinentemente invocado por Zilá Bernd na referida Introdução. Esses significados associados facilitam a leitura de conjunto, relacional, ocupando-se de sentidos simbólicos de grande relevância para nós, americanos, mas também significativos para além dos marcos geopolíticos e culturais das diversas formações étnicas e culturais que conformam este continente. Estou pensando em *constelações* como exílio, errância/nomadismo, entre-lugar/travessia, figurações do indígena, figurações afro-americanas, muito representativas do imaginário estudado no DFLMA, que destaca entre seus principais objetivos o de contribuir para o debate sobre o conceito de *americanidade*. Então, salta à vista a filiação da obra, tanto das autorias dos verbetes, como da proposta teórica e organizativa. Identificado com uma idéia de cultura participativa na vida social, de inventividade popular, mas também na contramão do populismo trivializador ou da banalização mediática, o *Dicionário* evidencia a “paciência cultural” de nossos povos, como pensa Carlos Fuentes, que não cessam de criar valores espirituais, na busca de sentidos identitários na história vivida e por viver.

Em conseqüência, mito e utopia dialogam de modo natural no imaginário do continente, aparecem como formas de entendimento, mas também de intervenção nas contraditórias realidades sociais. Mito e utopia são parte principal da história americana, como enunciados metafóricos e grandes construções

simbólicas que dão conta do percurso espiritual, fabulando o futuro e reinventando o passado, em um duplo movimento que enlaça as origens e as projeções esperançosas de outros modos de existência social no porvir americano. Nesse pensar, que implica uma sensibilidade cultural marcante, o *Dicionário* configura seu perfil temático e organiza seus conteúdos, mapeando as figuras cronotópicas em suas coordenadas espaço-temporais, figuras e narrativas que amalgamam historicidade e mitologismo. Então, não só a obra reconhece essa dinâmica característica do imaginário nas Américas, mas se apóia na estreita relação entre mito e utopia ao identificar seu *corpus* e realizar suas análises.

Na verdade, o DFLMA tem vários níveis de leitura. Como repertório poderá ser consultado na sua condição de obra acadêmica que coleta e organiza *epistemes*. Mas pode ser visto também como obra de divulgação, referida a significativas vertentes da cultura das Américas. Se para o público amplo, “mito” remete quase sempre às mitologias ocidentais, grega e latina, ou, talvez, para alguns mais entendidos, às mitologias egípcia e da Mesopotâmia, sem esquecer a mitologia ioruba dos orixás, de rigorosos registros antropológicos em diversos dicionários, neste caso, o leitor depara-se com outra proposta que vai além das histórias fabulosas dos deuses e heróis da Antiguidade.

Assim, com sua diversidade de vozes e olhares, o DFMLA responde, pelo menos, a duas exigências. Primeiramente, a de servir como instrumento informativo, de fácil acesso e consulta. Em segundo lugar, a de relacionar com o presente o imaginário coletivo, poderoso fio no labirinto de nossa história. Os mitos que organizam o *Dicionário* nos remetem ao passado fabuloso e real, mitificado e historicizado, mas também registram um presente ativo e as projeções de futuridade, pois a obra incorpora mitos de recente data. Sendo arquétipos, os mitos coletados funcionam nos múltiplos tempos da cultura, referidos a constantes universais e americanas, história cultural assumida nas suas realizações e potencialidades, após o colapso dos grandes metarrelatos, processo de crise que, na experiência americana, traz consigo a renovação sem fim. Como diz Alejo Carpentier no prólogo a *El reino de este mundo*: “por la virginidad del paisaje, por la formación, por la ontología, por la presencia fáustica del indio y del negro, por la revelación que constituyó su reciente descubrimiento, por los fecundos mestizajes que propició, América está muy lejos de haber agotado su caudal de mitologías.” Nesse caudal tributa o *Dicionário*, à organizadora, os numerosos autores e infinitos leitores, imersos no processo de criação cultural de nossa América, tão belamente representada na imagem da capa multicromática, que nos deixa em liberdade para as mais variadas interpretações.

Muito longe de um propósito totalizador, a obra abre caminhos, inaugura linhagens, marca filiações, invita “adver-

tidamente”, a partir do trabalho já realizado, às revisões, aos acréscimos, aos melhoramentos, às renovadas perspectivas, tudo tão próprio da pesquisa científica e do horizonte epistemológico do saber humano que, embora circunscrito e incompleto, nunca deixa de avançar. Um futuro promissório tem o estudo das sincronias e dissonâncias, a visão analógica de nossas culturas na sua heterogeneidade, tanto nas suas semelhanças, quanto nas diferenças. No espírito desse comparatismo interamericano, agradecemos a Zilá Bernd, que acreditou no trabalho desta comunidade de autores, contribuindo decisivamente à realização da obra com sua capacidade organizativa, vasta experiência na literatura comparada e paixão americanista.

O *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas* começa sua imprevisível, mas também – confiamos – muito produtiva, existência leitora.